

CAPÍTULO I

1 - Introdução:

A escolha do tema das novas tecnologias associado aos processos de mobilidade social, como objecto central desta tese de dissertação, obedece a um conjunto de critérios que julgamos serem relevantes de acordo com os objectivos que se pretendem atingir.

O contexto sócio-político português da actualidade, remete-nos para um conjunto de medidas (na área das novas tecnologias) adoptadas pelo actual governo e acerrimamente defendidas pelo primeiro-ministro, que identifica como prioridade da sua politica, a educação, a formação e qualificação dos portugueses, o choque tecnológico e as novas oportunidades. Segundo José Sócrates, a aposta nestas áreas é absolutamente crucial para o nosso desenvolvimento enquanto sociedade e país membro da comunidade europeia, aproximando-nos gradualmente dos países ricos e desenvolvidos da Europa central. Porém, estes objectivos perseguidos pelo Governo, colocam a nós cidadãos algumas dúvidas em relação à verdadeira intenção desta paixão pela educação.

Nesta perspectiva, está por saber ainda se todas estas medidas visam efectivamente a melhoria real das qualificações dos portugueses e a probabilidade decorrente de melhorarem na prática o seu acesso ou a sua evolução de uma forma positiva no mercado de trabalho, ou por outro lado, pode este esforço governamental redundar apenas num exercício estatístico, que possa demonstrar à comunidade europeia que o nosso país se está a desenvolver no domínio da educação e qualificação dos seus cidadãos e consequentemente a aproximar-se da média europeia nesta matéria.

São de facto estas dúvidas em conjunto com a percepção da realidade desta problemática, que se inscrevem nesta opção de estudar uma escola de formação profissional no sentido de perceber, se num pequeno contexto social constituído por um conjunto de alunos que frequenta a referida escola, conseguimos identificar um processo de mobilidade social consequência das novas competências entretanto conseguidas.

No entanto, de referir, não ser a matéria de cariz político de grande interesse para este estudo, mas sim a constatação, que o governo assume um novo paradigma de desenvolvimento, que faz a transição entre uma sociedade dita tradicional e a tentativa de entrada num novo modelo de sociedade sustentada na informação e no conhecimento,

cujo impulso é dado pelas novas tecnologias de informação e comunicação, o que pode configurar um processo de mudança social.

Será por isso, interessante realizar uma consulta ao portal do governo na Internet, no sentido de perceber, os objectivos reais que pretende atingir nesta matéria ao longo da sua legislatura. Dessa consulta, nomeadamente ao programa político do XVII Governo Constitucional, destacaria os aspectos que me parecem mais relevantes desta temática, tais como o objectivo de mobilização do país para a sociedade de informação, procurando alargar a utilização da Internet e das tecnologias de informação e comunicação ao espaço educativo no sentido de desenvolver o capital humano e esbater algumas assimetrias em relação aos outros países membros da comunidade europeia.

Outro aspecto de grande importância, que o Governo identifica no seu programa, é a qualificação ou ausência de qualificações dos portugueses, em particular da sua população activa, não deixando, no entanto, de ser preocupante, as altas taxas de desistência escolar dos jovens e conseqüentemente a sua inscrição no grosso da população com alto défice de qualificações escolares e profissionais. Para ilustrar estas questões citarei de seguida uma passagem do programa do Governo:

“ A qualificação dos recursos humanos, através do sistema de educação/formação é decisiva para a agenda de crescimento do Governo. Na verdade, o atraso de desenvolvimento do País é também, e especialmente, um défice de qualificações. Neste sentido, a sustentabilidade da nossa agenda de crescimento, do nosso desenvolvimento científico e tecnológico, da inovação, dependerão criticamente da superação dos graves atrasos no processo de qualificação dos portugueses”. (www.gov.pt)

Como podemos verificar, o Governo identifica como central a questão da educação/formação, para que o país no seu todo possa crescer e atingir patamares que o coloquem a par dos países mais desenvolvidos da Europa, sendo por isso de registar como muito positivo esta preocupação em combater o défice de qualificações dos portugueses e apostar em definitivo na inovação e na tecnologia como factor de desenvolvimento.

Para finalizar estas notas introdutórias, fazer referência à forma de estruturar o trabalho a realizar, referindo o contexto em que se enquadra, os objectivos a atingir, o

enquadramento teórico, a metodologia de recolha de dados empíricos e seu tratamento através da análise de conteúdo qualitativa recorrendo a programa informático adequado. Acrescentaria igualmente, aquela que me parece ser a melhor forma de sequenciar o trabalho, dividindo-o em quatro capítulos, cujo conteúdo será respectivamente: as notas introdutórias, o contexto e o enquadramento teórico no primeiro capítulo, a metodologia a utilizar, a elaboração do guião da entrevista, a selecção dos entrevistados, a realização das entrevistas, o trabalho de campo, em suma, todo o trabalho de recolha de dados no segundo capítulo, a análise qualitativa dos dados e a reflexão no terceiro capítulo e as conclusões, tentando identificar possíveis caminhos que possam permitir o desenvolvimento e aprofundamento deste trabalho numa ocasião futura no quarto capítulo.

2 - Objectivos:

A realização desta tese de dissertação tem como objectivo principal responder à seguinte questão:

Tem a formação em Tecnologias de Informação e Comunicação um papel determinante no processo de mobilidade social de um indivíduo?

Além de tentar responder à questão principal, pretende-se igualmente verificar através de um conjunto de questões secundárias se os indivíduos estão motivados para responderem afirmativamente às expectativas que o Governo coloca em relação à melhoria das qualificações dos portugueses, assim:

- a) Quais as expectativas de mobilidade social dos indivíduos que frequentam um curso de formação em Tecnologias de Informação e Comunicação?**
- b) Os indivíduos procuram formação em Tecnologias de Informação e Comunicação por iniciativa própria?**
- c) Os indivíduos usufruem de formação em Tecnologias de Informação e Comunicação por iniciativa das suas entidades patronais?**

- d) Os indivíduos desempregados são alvo de acções de formação promovidas pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional?**
- e) Os indivíduos estão atentos aos novos programas que o Governo disponibiliza para melhoria das qualificações escolares e profissionais?**
- f) Os indivíduos que frequentam este tipo de formação pretendem regressar à escola no futuro?**

3 - Caracterização do objecto de estudo:

O trabalho empírico a realizar debruçar-se-á sobre uma escola de formação profissional privada, cuja caracterização é descrita nas próximas linhas.

A entidade formadora a estudar, tem como designação “*Vertente do Sucesso, Lda*” e utiliza a marca comercial “*Prosaber*”, está sediada na cidade de Almada onde possui as suas instalações, estendendo a sua influência a nível nacional, nomeadamente, às regiões do Algarve, Porto, Coimbra e Aveiro.

O seu conceito de negócio é a formação profissional, que se divide em quatro áreas, respectivamente, informática (sistemas, aplicações e programação), comportamental (recursos humanos, vendas e desenvolvimento pessoal), línguas (inglês, alemão, francês e espanhol), e técnica (contabilidade e fiscalidade, higiene e segurança no trabalho e marketing).

Quanto à sua missão, assume-se como uma entidade vocacionada para dotar os recursos humanos na área das pequenas e médias empresas, das qualificações necessárias que lhes permitam competir no mercado nacional e global, protagonizando uma parceria valiosa na procura das vantagens competitivas.

Em relação aos objectivos, destacaria neste particular aqueles que me parecem mais relevantes e se enquadram no âmbito desta investigação. São eles:

- A garantia a quem aposta na valorização pessoal e profissional de uma formação qualificada adequada às reais necessidades do mercado.
- Ser um parceiro estratégico no tecido empresarial da região onde se insere, proporcionando o desenvolvimento contínuo dos seus recursos humanos.
- Aumentar o nível de qualificação dos recursos humanos da região.

- Disponibilizar um conjunto de cursos orientados ao indivíduo que permitam a sua evolução pessoal e/ ou profissional.

Denota-se deste conjunto de objectivos, uma aposta na qualidade da formação ministrada, uma preocupação no indivíduo e na região onde se insere, em suma, esta escola pretende configurar-se como um actor importante no desenvolvimento do tecido sócio/económico da região onde opera.

4 - Enquadramento teórico.

4.1 - Contextualização:

Do ponto de vista teórico, a temática a estudar inscreve-se num dos temas de referência dos processos de mudança social nas sociedades contemporâneas, mais precisamente no tema da sociedade da informação e do conhecimento. É neste contexto que se pretende realizar esta investigação, embora se deva igualmente referir a necessidade de reduzi-la a um universo micro que permita a exequibilidade do projecto e a consequente obtenção de respostas às questões a colocar.

Segundo Manuel Castells: “ De facto, a capacidade ou incapacidade das sociedades em dominarem a tecnologia, em particular as tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período da história, traça o seu destino a ponto de podermos dizer que, embora por si mesma não determine a evolução histórica e a mudança social, a tecnologia (ou a sua ausência) molda a capacidade de transformação das sociedades, assim como os usos que aquelas, através de um processo conflitual, resolvam dar ao seu potencial tecnológico.” (Castells, 2007, pp.8)

De facto, esta passagem de Manuel Castells enquadra do ponto de vista teórico, aquelas que são as principais dúvidas quando colocadas na perspectiva contextual do objecto de estudo. São elas, as novas tecnologias e a sua acção determinante no processo de mudança ou a sua capacidade de moldar a transformação social ou mesmo a identificação da ténue diferença entre o conceito de mudança social e o conceito de transformação social.

No entanto estas dúvidas podem ser dissipadas recorrendo a outros autores de nomeada na área sociológica, tais como Anthony Giddens, que se refere a este assunto com uma afirmação curiosa, assim segundo este autor: “O ritmo da mudança na era moderna pode

facilmente atestar-se pela referência aos níveis de desenvolvimento tecnológico.” (Giddens, 1997, pp. 616)

Este autor avança igualmente com uma definição de mudança social, segundo ele: “No caso das sociedades humanas, para decidir até que ponto e de que forma um sistema se encontra em processo de mudança, temos de verificar até que nível existe qualquer modificação das *instituições básicas* durante um período específico. Falar em mudança implica assinalar o que permanece estável, pois é em função do mesmo que se podem medir as alterações. Mesmo no mundo de hoje, que avança rapidamente, existem continuidades em relação ao passado distante (...) Muitas das mudanças actuais são *globais* – ou está a acontecer simultaneamente em muitas partes do mundo ou está a afectar o futuro do planeta como um todo.” (Giddens, 1997, pp. 617, 618)

Embora nesta primeira fase estejamos a dar um especial ênfase à contextualização do objecto de estudo, parece-me interessante destacar quatro palavras-chave deste projecto de investigação, são elas, *tecnologia, formação, qualificação e mobilidade social*. Destas gostaria de relevar, aquela que pensamos ser a mais importante, precisamente a *mobilidade social*, dando-lhe o sentido de processo de mobilidade social do individuo a vários níveis, procurando compreender em relação às expectativas de cada um se essa mobilidade se traduz em alterações apenas no plano cognitivo ou igualmente no plano profissional e financeiro ou no plano do *status* social, conceito este introduzido na sociologia por Max Weber. Ou seja, tendo sempre como pano de fundo, a sociedade da informação e do conhecimento (intimamente ligada às novas tecnologias) como contexto global desta investigação, será imprescindível referenciar os contextos subjacentes às palavras formação, qualificação e mobilidade social pela convergência existente entre estes conceitos e por ser um imperativo em função da realização da investigação.

Outro conceito que não pode – no nosso entender – estar dissociado desta problemática é o conceito de modernidade e a sua relação com a mudança social numa perspectiva teórico-metodológica, e a esse respeito, diria que, a noção de modernidade surge com o objectivo de limitar as teorias elaboradas a partir do século XVII, afirmando-se como uma nova forma de organização social centrada entre os séculos XVIII e XIX. Desenvolve-se então a crença que são os homens que produzem a sua vida social a sua própria história e não factores ou crenças exteriores a ele.

Em conjunto com a noção de modernidade nasce o conceito de mudança social e em paralelo a Sociologia, que resulta como uma expressão da modernidade e que passa a ser uma fonte privilegiada de reflexividade social (que é igualmente um factor de mudança e de reprodução social), através dela as pessoas passam a ficar informadas sobre o meio em que vivem.

Mas a relação entre a Sociologia e a mudança social não é unívoca, isto porque os sociólogos produzem diferentes perspectivas e diferentes conceitos sobre o objecto teórico mudança social, o que remete para a pluralidade e aceitação da não existência de um paradigma dominante na Sociologia. O que observamos enquanto aprendizes de sociólogo, é que a ciência social é difícil e complexa face à mutabilidade do objecto de estudo tanto no espaço como no tempo e à diversidade de conceptualizações sobre a mudança social que vão variando segundo as escolas de sociologia.

Já em relação ao conceito de reflexividade, esta noção é utilizada por diversos autores de forma diferente e sobre objectos de estudo também diferentes, mas o conceito tradicional diz que a reflexividade, tem mais a ver com a forma como o homem se informa, se educa e se prepara para melhor viver em sociedade.

Para Giddens nas sociedades contemporâneas a modernidade chega à maturidade com o aumento da reflexividade a ser exponencial, ou seja, com os homens a terem cada vez mais capacidade e competência para resolverem os seus problemas.

Este autor critica igualmente os pós-modernistas, preferindo o conceito de modernidade avançada ou modernidade tardia.

Após esta pequena contextualização sobre os conceitos de modernidade e de reflexividade, ou seja, sobre a acção deliberada do homem sobre a história que configura um processo de mudança, passaremos então à análise sociológica do tema escolhido:

As novas tecnologias de informação e comunicação: formação, qualificação e mobilidade social.

Para atingir este objectivo, recorreremos a bibliografia necessária para o aprofundamento teórico destes conceitos, iniciando esse processo com o conceito de mobilidade social.

4.2 – Mobilidade social:

Este conceito assume particular centralidade neste trabalho, logo, porque se pretende aferir das expectativas que o painel a entrevistar terá, relativamente ao seu futuro, após a frequência de um curso em novas tecnologias de informação e comunicação.

Podem existir diferentes causas para a mobilidade social, migrações, família, revoluções ou transformações de carácter sócio-político, inovação tecnológica e outras, sendo que a que mais interessa perspectivar é exactamente a que nos remete para as novas tecnologias.

Na generalidade, entendemos o conceito de mobilidade social, como a passagem de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos de uma posição social para outra, num contexto de classe e estratificação social. Esta passagem pode ser de carácter ascendente ou descendente, quando a estrutura organizacional da sociedade é hierarquizada e as deslocações se verificam entre a base e o topo, ou seja de tipo vertical, igualmente se pode considerar a mobilidade, como estrutural, quando imposta pela estrutura social.

Sendo uma noção cada vez mais utilizada em estudos sociológicos será interessante referir a posição de Ferreira de Almeida, que defende: “(...) esta crescente utilização engloba um fenómeno teórico relevante: nos esquemas analíticos o conceito mobilidade tende a aparecer sucessivamente menos como variável *dependente* e mais como variável *independente* ou então como variável *intermédia* ou de *controle*. Ou seja: tende-se a encarar ou a estudar os fenómenos de mobilidade social não só como *consequência* mas, cada vez mais, como *factor* de outros processos ou *causa* (diferencial) de outras características sociais (...)” (Almeida, 1970, pp.12)

Apesar desta ideia defender uma alteração cada vez mais comum desta variável conceptual, ela não invalida o facto de no contexto deste trabalho a mobilidade social ser uma variável dependente, ou seja, ser uma consequência da frequência de um determinado curso em novas tecnologias que gera expectativas de uma trajectória profissional mais apelativa para os indivíduos entrevistados.

Noutra perspectiva, remetendo a análise para a escola profissional, principalmente para o curso ministrado, gostaríamos de fazer uma analogia, com a posição, tomada por António Firmino da Costa na sua obra, “Sociedade de Bairro”. Assim: “Alfama constitui-se, pois, por assim dizer, num entreposto de mobilidade social, plataforma giratória de um

movimento muitas vezes em duas etapas, movimento geográfico, profissional, cultural e de classe.” (Costa, 1999, pp.276)

Ora daqui decorre, uma tentativa de entender o curso de formação profissional ministrado na escola profissional Prosaber, como um entreposto de uma expectável mobilidade cujo movimento poderá ser profissional e cultural e eventualmente de classe ou mesmo geográfico, embora seja de relevar neste particular, ser o aspecto profissional o mais importante.

Continuando com as posições de Firmino da Costa, sublinhar a seguinte passagem: “Note-se de passagem, no plano conceptual, que o facto de, na análise a que se tem vindo a proceder, não se adoptarem entendimentos lineares de mobilidade ascendente ou descendente, segundo uma hierarquia pretensamente inequívoca e na prática unidimensional, característica de abordagens funcionalistas clássicas da estratificação, não significa que em sentido inverso, se ignore a maneira como as trajectórias são experimentadas pelos próprios actores sociais envolvidos, muitas vezes com conotação hierarquizante.” (Costa, 1999, pp. 273)

Também neste trabalho, não se procede a uma análise em que se adopta entendimentos lineares de mobilidade ascendente ou descendente, no entanto, não significa com isso que não se esteja atento, principalmente às expectativas de cada individuo face aquilo que perspectivam para o seu futuro, sendo que, numa análise de senso-comum, ou diríamos de uma forma empírica, todos os indivíduos a entrevistar venham a dar sinais implícitos de uma expectativa de mobilidade social ascendente.

Recorrendo novamente a António Firmino da Costa, “Isso seria retroceder, na análise de classes, de uma perspectiva praxiológica a uma postura redutoramente objectivista. E seria voltar a perder de vista a vantagem analítica de articular, teórica e empiricamente, lugares e protagonistas, estruturas e práticas, dimensões materiais e dimensões simbólicas. Os significados sociais atribuídos pelos protagonistas às trajectórias sociais que percorrem fazem eles próprios parte dessas trajectórias e, como tal, requerem que a análise sociológica os tenha em conta.” (Costa, 1999, pp. 274)

È exactamente essa análise sociológica que se pretende fazer neste trabalho, através de um conjunto de entrevistas a um grupo de indivíduos que frequenta um curso de formação profissional em novas tecnologias, procurando saber quais as suas trajectórias

sociais e quais as suas aspirações de mobilidade individual após a conclusão do curso. Será importante compreender a articulação ou mesmo a dependência da mobilidade individual face à mobilidade estrutural decorrente das alterações de um novo paradigma sócio/educacional que o Governo quer levar a cabo com o objectivo de melhorar de forma global as qualificações dos portugueses.

4.3 - Mudança social:

Nas sociedades modernas a evolução sofre constrangimentos, sobretudo consequência da globalização económica, no entanto, ocorrem transformações, tanto ao nível dos comportamentos, como das atitudes e valores partilhados pela sociedade e pelas instituições de poder que a enquadram. Essas transformações podem configurar processos de mudança social, por esta (a mudança) ser um fenómeno sócio/cultural, temporal e por isso mesmo histórico e de carácter permanente, influenciando as estruturas societais, implicando alterações a vários patamares, como por exemplo, nas estruturas e relacionamentos sociais até à mudança cultural, passando pelos comportamentos e pelos valores.

Esta afectação a vários níveis da realidade social, implica igualmente, alterações nas instituições e no relacionamento entre elas, podendo provocar, mudança no sentido progressivo, especialmente quando se verifica uma efectiva melhoria da situação social, ou mesmo, uma mudança no sentido regressivo, quando a situação social piora, provocando situações de desemprego, pobreza e consequente exclusão social.

De referir neste contexto, que a evolução social – tanto no sentido positivo, como no sentido negativo – é um processo de transformações ocorridas numa sociedade, durante um determinado período de tempo, podendo por isso ser transversal a diversas gerações, em suma, a evolução social, acaba por ser objecto de múltiplas mudanças.

Igualmente uma sociedade está sujeita a dinâmicas de mudança social, sendo essa mudança condicionada a pressões internas resultantes de fenómenos endógenos, de que é exemplo, os conflitos decorrentes de divergências que provêm da própria sociedade, ou dinâmicas externas, resultantes de fenómenos exógenos, que resultam de acções de relacionamento com outras sociedades e de contactos com o exterior, de que são exemplos, a importação de novas ideias, de invenções tecnológicas (que não sendo um

fenómeno de mudança social, pode provocá-la e até dinamizá-la) e de fenómenos de aculturação consequência da interdependência de culturas.

Com as dinâmicas da mudança social, identifica-se a intensidade e o ritmo a que essa mudança se verifica, de facto, quando observamos determinados períodos históricos, com relativa facilidade, constatamos, que em espaços sociais diferentes, ocorrem ritmos de evolução social diferentes, e isto acontece quando estamos perante sociedades abertas, caracterizadas pela urbanidade e pelas dinâmicas de desenvolvimento que potenciam a mudança, ou, pelo contrário, nos deparamos com sociedades fechadas, caracterizadas pela ruralidade e pelo conservadorismo, cristalizando-se no seu isolamento, constituindo-se um obstáculo à mudança social, que acaba por ocorrer, embora de uma forma muito mais lenta. Será importante assinalar neste contexto, que o advento da globalização, intimamente ligado à sociedade da informação e do conhecimento provoca uma intensidade de mudança bastante acelerada.

Desenvolvendo esta temática dos processos de mudança social, estes acontecem por diversas razões que nos remetem para as instituições ou organizações que se confrontam com necessidades que surgem no seu quotidiano, implicando que um determinado estágio de evolução se adequa à realidade, configurando assim um processo de mudança social por justaposição. No entanto, este processo pode ocorrer por planificação ou mesmo por aculturação, quando acontece respectivamente, por acordo com determinado projecto de mudança ou por contacto com outras culturas seja de uma forma directa ou indirecta.

A mudança social potencia sempre a novidade, a inovação e a introdução de novos elementos que perturbam de uma forma positiva ou negativa a ordem existente. Desta premissa decorre que a estrutura social abandona a ordem instituída, passando então, por um período de transição caracterizado pela desorganização e pelo estado de anomia da sociedade, que ocorre sobretudo por dificuldades de adaptação de carácter individual ou colectivo, que concorrem para a resistência à novidade e a consequente obstaculização à mudança, acontece então um retardamento social que ocorre até à criação e instituição da nova ordem e consequentemente à instalação de um novo modelo de organização.

4.4 - Formação e Qualificação:

Neste ponto faremos uma abordagem teórica aos conceitos de formação profissional e qualificação profissional em Portugal.

É um factor incontornável, que o capital humano desempenha um papel central numa sociedade que vive uma situação de ruptura com os modelos anteriores de organização. O advento da Internet e o desenvolvimento das novas tecnologias, colocaram ao nosso País novos problemas ao nível das várias dimensões da actividade social.

Para responder a estes problemas os sucessivos governos tomam medidas profiláticas no sentido de dotarem, no seu entender, os portugueses de novas competências, que lhes permitam poder responder adequadamente aos novos desafios que lhes são colocados. Assim, é introduzido em paralelo com o conceito de formação profissional, o conceito de aprendizagem ao longo da vida, que implica o exercício da actividade de aprendizagem de uma forma contínua, visando a melhoria dos conhecimentos e competências dos indivíduos de uma forma transversal aos diversos grupos etários da população activa, procurando a recorrente actualização de saberes.

Assistimos então no nosso país a uma oferta de formação diversificada, que se divide em educação e formação profissional, tuteladas respectivamente pelos Ministérios da Educação e do Trabalho e da Solidariedade Social, ou seja, observamos o regresso das escolas profissionais e tecnológicas no âmbito do Ministério da Educação, proporcionando aos jovens alunos que concluem o ensino básico, uma opção por uma via profissionalizante, e igualmente no âmbito do Ministério do Trabalho, observa-se a realização de programas e acções de formação visando a qualificação profissional dos portugueses, através do Instituto de Emprego e Formação Profissional, o recurso a Escolas Privadas de Formação Profissional completa a oferta. De referir, que o novo sistema de acreditação destas instituições, lhes conferem um reforço da sua credibilidade em termos de qualidade da sua formação.

Numa perspectiva governamental, a formação profissional é um conceito que se pode entender, como um processo permanente, através do qual, os indivíduos adquirem ou desenvolvem competências ou aptidões para o exercício de uma actividade profissional, permitindo uma melhor adaptação às sucessivas e rápidas transformações que ocorrem no âmbito da sociedade da informação e do conhecimento, com isso aumentam as

possibilidades de aceder ao mercado de trabalho, ou para quem já está empregado, a possibilidade de evoluir na sua carreira ou mesmo aceder a outra mais apelativa. Neste sentido, o actual governo cria o chamado Plano Tecnológico, visando a aplicação duma estratégia de crescimento e competitividade baseada no conhecimento, na tecnologia e na inovação. *O conhecimento*, onde a qualificação dos portugueses em ordem à sociedade do conhecimento assume um papel central, promovendo medidas de carácter estrutural, no sentido de elevar a educação média da população, criando o sistema de aprendizagem ao longo da vida, na tentativa de mobilizar os portugueses para a sociedade de informação.

A tecnologia, no sentido de ultrapassar o atraso estrutural do País a nível científico e tecnológico, e *a inovação*, com o objectivo de imprimir a esta um impulso que facilite a adaptação do tecido produtivo aos difíceis desafios que a globalização económica coloca às nossas empresas.

Entretanto, gostaria de abordar esta temática da formação e qualificação profissional, pelo lado da procura, procurando contextualiza-la e caracteriza-la de acordo com o que se passa no nosso País.

Tomando como ponto de comparação a União Europeia e os seus níveis médios de acesso à formação e qualificação, observamos, que no nosso país a iniciativa de participação nestas acções por parte dos jovens e adultos da nossa população activa é muito baixa e acontece, porque, são baixas as qualificações de partida desta população sendo difícil desde aí atrair novas qualificações por iniciativa própria, acresce a este facto, o papel das PME, que investem de uma forma insuficiente na qualificação permanente dos seus trabalhadores, em suma estes dois factores conjugados com uma politica empresarial que não promove, nem incentiva os seus trabalhadores, de per si, a procurarem essas qualificações, fazendo-os perceber dos ganhos adicionais que decorreriam dessa acção. Ora, daqui resulta, que a mobilidade ascendente e horizontal do emprego, apoiada nas qualificações, é uma estratégia que os trabalhadores pouco qualificados não seguem, sustentados em expectativas de mobilidade muito baixa.

Para fazer face a estas insuficiências, será importante, a aposta na modernização das micro, pequenas e médias empresas, no sentido de as encaminhar para trajectórias de modernização que identifiquem as suas necessidades formativas, visando o incentivo à qualificação dos seus trabalhadores e criando os seus próprios programas de formação.

A aposta no aumento da participação dos trabalhadores das PME em acções de formação, será igualmente importante para a melhoria do desempenho destas entidades no seio de um mercado cada vez mais concorrencial e competitivo.

4.5 – Alguns tópicos sobre a qualificação dos portugueses:

Segundo o Governo, através do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, existe um conjunto de limitações no actual sistema de formação profissional donde se destaca, sobretudo, a multiplicação de processos formativos desenquadrados das reais necessidades de desenvolvimento dos indivíduos e das empresas, não conduzindo conseqüentemente a uma progressão escolar e profissional e por arrastamento não constituindo uma mais-valia em termos dos processos de modernização das empresas portuguesas. Segundo a mesma fonte, esta situação tem penalizado a valorização do investimento em formação e limitado a expansão da procura.

Apesar desta realidade, sem dúvida que tem sido feito um esforço significativo em termos de qualificação da população ao longo dos últimos trinta anos, no sentido de procurar reduzir a distância que nos separa dos países mais desenvolvidos, no entanto, a realidade ainda está muito longe da intenção, ou seja a prática está muito longe da representação que o Governo faz desta matéria.

Essa realidade demonstra, que Portugal continua a apresentar baixos níveis de escolaridade e de qualificação de uma forma transversal às várias faixas etárias da população.

Segundo dados do Ministério, cerca de três milhões e quinhentos mil indivíduos da actual população activa, tem habilitações escolares inferiores ao ensino secundário, sendo que deste conjunto, 74% têm um nível inferior ao 9º ano de escolaridade. Igualmente na população jovem, cerca de quatrocentos oitenta cinco mil indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, inseridos no mercado de trabalho não possuem o 12º ano de escolaridade, e destes, cerca de 55% nem sequer completou o 9º ano.

É sem sombra de dúvida um problema estrutural, que urge corrigir com medidas adequadas, lembrar que neste contexto, o nível secundário de habilitações é um patamar de qualificação da população dos países com maior índice de desenvolvimento e que a União Europeia, assume de forma clara o propósito de alcançar até 2010 o objectivo de

generalizar a qualificação de nível secundário a cerca de 85% de jovens até 22 anos de idade.

4.6 - As novas tecnologias de informação e comunicação:

A posse de equipamentos (por exemplo, computadores) de tecnologias de informação e comunicação por parte das famílias portuguesas, mostra uma evolução bastante positiva nos últimos anos, no entanto, também nesta matéria estamos longe das médias europeias. Demonstrativo deste pressuposto, é o acesso ainda muito desigual a este tipo de tecnologias, favorecendo a emergência de fenómenos de exclusão e valorizando esta questão em termos de política de qualificação e coesão social. Mais uma vez, os níveis de escolaridade dos portugueses são determinantes em relação à utilização da TIC, constituindo as competências linguísticas e tecnológicas – ou a falta delas – uma barreira ao acesso e utilização destes equipamentos.

Neste pressuposto, “o retrato-robot da desigualdade torna evidente a emergência de segmentos populacionais em maior risco de info-exclusão: os desqualificados e/ou de baixo nível de escolaridade, os idosos, os trabalhadores em profissões de baixo valor acrescentado, os desempregados, os inactivos. Sendo notório que são os estudantes, e a escola/universidade os segmentos mais dinâmicos para o desenvolvimento sustentável da Sociedade de Informação, é de destacar, no plano diametralmente oposto, o grave estrangulamento detectado ao nível dos “quadros superiores da Administração Pública e dirigentes e quadros superiores das empresas”. Com efeito, não deixa de ser chocante que neste grupo profissional mais de metade das pessoas se encontrem no patamar “baixo” de utilização das TIC. Esta constatação configura uma prioridade altíssima de actuação visando conquistar – e apetrechar – este escalão superior dos sectores público e privado para o exercício de uma liderança positiva na concretização das mudanças de atitudes, valores e comportamentos tão necessários à democratização das TIC e à generalização da Sociedade de Informação em Portugal”. (Carneiro e Rodrigues, 2007, pp. 19)

CAPÍTULO II

1 - Metodologia:

Os recursos metodológicos a utilizar para a realização desta investigação remetem para os procedimentos operativos que se reflectem na análise qualitativa, tendo como base para a recolha de dados, a observação participante, o recurso a um informador privilegiado, a realização de entrevistas semi-directivas aos alunos da área de informática e eventualmente a alunos de outras áreas leccionadas nesta escola.

Para a interpretação dos dados recolhidos, será importante recorrer à análise de conteúdo através de programa informático, em particular ao programa *Tropes*, assim como à elaboração de uma grelha de análise, registando as premissas mais relevantes para o estudo.

Como referimos anteriormente, em relação à metodologia a utilizar para a recolha de dados, decidiu-se optar pela entrevista como método mais adequado para obter os dados necessários para a elaboração deste estudo.

As razões para esta opção resultam do facto de a entrevista ser uma técnica que permite maior profundidade que o questionário, sendo mais flexível na medida em que o entrevistador pode refazer algumas perguntas, igualmente é uma técnica que permite tocar em alguns assuntos sensíveis por acontecer num contexto de interacção entre entrevistador e entrevistado, além disso a entrevista pode ser aplicada a várias pessoas independentemente da sua condição social.

“É habitual reservar o termo *entrevista* para as técnicas menos directivas e designar *questionário* as formas de inquirir em que as questões são formuladas antecipadamente. Porém, na prática, não há consenso sobre os limites de cada um destes termos.

Para definir esta classificação, falámos da liberdade da pessoa inquirida e não, como se faz por vezes, da do entrevistador. Com efeito, em nossa opinião, é um erro acreditar que os métodos não directivos dão maior liberdade ao entrevistador. As regras são, para estes, muito rigorosas. Em contrapartida, estes métodos recorrem fortemente à opinião do entrevistador, pelo que os riscos de erro são, por isso, maiores do que nos métodos mais directivos.” (Ghiglione e Matalon, 2005, pp.63)

De acordo com a citação anterior, ao optarmos pela entrevista, os riscos de errar são maiores, pelo que o rigor deverá ser redobrado para minimizar essa possibilidade, e a primeira opção a tomar é a escolha do tipo de entrevista, que deverá sair das três hipóteses disponíveis, que são: a entrevista não directiva; a entrevista semi-directiva e o questionário aberto.

Estas significam respectivamente, no caso da entrevista não directiva, a proposta de um tema por parte do entrevistador, e a sua intervenção muito esporádica no sentido de encorajar o entrevistado. Já a entrevista semi-directiva, que pode também designar-se como clínica ou estruturada, remete para um contexto em que o entrevistador conhece profundamente o tema ou temas para o qual necessita das respostas e das reacções do entrevistado, estando a ordem e o critério como as questões serão introduzidas submetidas às opções do entrevistador, deixando apenas definida uma orientação para o início da entrevista. Por último, o questionário aberto, propõe um conjunto de questões previamente definidas, cuja ordem é fixa, mas permite que o inquirido dê respostas longas se assim o entender.

E é neste contexto que as decisões sobre as opções metodológicas devem ser tomadas, tendo em conta os objectivos do trabalho, as condições em que ele decorre e a sua exequibilidade.

1.1 - A entrevista semi-directiva:

A opção pela entrevista semi-directiva como método de recolha de dados que permitam a realização deste estudo tem como critério principal, a sua adequação ao objectivo a atingir com este estudo e ao universo de potenciais entrevistados de que dispomos.

Sendo uma entrevista de estudo pode-se identificar quatro formas diferentes de a utilizar, para controlo, para verificação, para aprofundamento e para explicação, sendo que cada uma delas representa face a um saber anterior, maior ou menor grau de liberdade, ou seja, estes quatro aspectos referidos, configuram um trajecto que vai de um quadro de referências já concebido até outro por construir e conhecer.

De facto, tendo como ponto de partida um enquadramento teórico elaborado a partir de autores reconhecidos na sociologia, pode-se a partir daí e recorrendo à recolha de dados através da entrevista, construir um modelo ou modelos explicativos dos comportamentos

sociais dos indivíduos face a um problema complexo, como é a formação, a qualificação e a mobilidade social.

“A *entrevista semidirectiva* define-se por relação às observações feitas a propósito do inquérito livre. Quer isto dizer que ela intervém a meio caminho entre um conhecimento completo e anterior da situação por parte do investigador, o que remete para a entrevista directiva ou para o questionário (podemos aliás, perguntarmo-nos se existirá realmente um limite entre estes dois métodos) e uma ausência de conhecimento, o que remete para a entrevista não directiva.” (Ghiglione e Matalon, 2005, pp.88)

Clarificando as diferenças identificadas entre a entrevista livre e a entrevista semi-directiva, podemos afirmar que em relação à primeira o investigador não possui nenhum quadro de referências anterior ou voluntariamente o suprime, e pelo contrário, em relação à segunda, o investigador possui um quadro de referências que utilizará, caso as situações assim o imponham, revelando-se assim, a entrevista semi-directiva, a mais adequada para o aprofundamento de um determinado domínio, ou para a verificação da evolução de um domínio já existente.

Em suma, aquilo que se propõe com este trabalho, é exactamente verificar a evolução dos acontecimentos em torno do tema escolhido e igualmente aprofundar os conhecimentos e a análise destas questões, pelo que julgamos ser esta opção a mais correcta em função dos objectivos a atingir.

1.2 – A análise de conteúdo:

Neste ponto do trabalho, gostaríamos de tecer algumas considerações, sobre o método escolhido para fazer o tratamento qualitativo da informação recolhida através das entrevistas semi-directivas. Esse método é a análise de conteúdo, por pensarmos ser o mais adequado para dar resposta aos objectivos.

Segundo alguns autores, é cada vez maior o lugar ocupado pela análise de conteúdo na investigação social, sobretudo, porque permite de uma forma metódica tratar de informação revestida de um grau de complexidade e profundidade elevadas. Neste particular podemos incluir, por exemplo, o tipo de entrevistas que se pretende efectuar, relevando um aspecto que nos parece central de conciliar os aspectos de rigor metodológico com a profundidade inventiva exigível.

Os diferentes métodos de análise de conteúdo incluem duas categorias principais, os métodos quantitativos de carácter extensivo e os métodos qualitativos de carácter intensivo, sendo que os primeiros estão mais direccionados para a análise de informação em grande número, proveniente de recolha de informação através de inquérito por questionário fechado, e os segundos mais recomendáveis para analisar informação complexa e pormenorizada mas em pequeno número.

Continuando nesta temática qualitativa, destacaríamos igualmente, as análises formais, como um método que incide sobre a forma e o encadeamento do discurso, que remete para a análise da enunciação, como um processo que incide sobre um discurso revelador de uma dinâmica própria, em que a atenção do investigador deve privilegiar o desenvolvimento geral do discurso, a sua sequência, as repetições, as pausas, os ritmos e outras situações envolventes.

Também neste particular, as análises estruturais, são importantes, pois são elas que identificam a maneira como os elementos subjacentes e implícitos da mensagem estão dispostos, permitindo a elaboração de um modelo operativo abstracto que estruture e torne inteligível o discurso.

De referir neste contexto que estes dois últimos métodos são aqueles que dão uma melhor sequência à recolha de informação através das entrevistas semi-directivas, daí a sua utilização neste trabalho.

2 - Selecção dos entrevistados:

Tal como já referido em pontos anteriores, o objecto empírico incide sobre uma escola de formação profissional privada e conseqüentemente no universo constituído pelos seus respectivos alunos, mais precisamente quarenta indivíduos de ambos os sexos, que actualmente preenchem a totalidade dos cursos leccionados nesta escola, sendo assim, optou-se pela recolha de informação através da realização de dezoito entrevistas que preenchem a totalidade dos alunos que frequentam o curso de informática mais duas realizadas a indivíduos que frequentam o curso de inglês e espanhol respectivamente, mas que já tiveram experiência de formação na área das novas tecnologias o que perfaz um total de vinte entrevistas representando 50% dos alunos desta escola.

Esta opção obedece, como não poderia deixar de ser, a padrões de razoabilidade e exequibilidade que são exigidas à elaboração deste trabalho.

Estas entrevistas serão realizadas oportunamente, no espaço próprio dos actores, a escola profissional, tendo em conta a disponibilidade de cada um e tentando assim, não causar qualquer constrangimento ou pressão.

Outro aspecto relevante a ter em consideração, será a codificação de cada entrevista e a caracterização social de cada um dos actores entrevistados. É essencial para estabelecer dimensões de análise que enquadrem o estudo, perceber em termos pessoais e profissionais, quem são? O que são? O que querem ser? I

Ainda dentro deste contexto, será elaborado o guião de entrevista, que será remetido para anexo, com o propósito de formular questões, suficientemente claras e objectivas tendo em conta o que se pretende saber com este estudo e que possam permitir a recolha de informação rica e substantiva para posterior análise

CAPÍTULO III

1 - As entrevistas:

Neste ponto do trabalho descreveremos a forma como decorreram as entrevistas, tentando enunciar de uma forma sucinta e objectiva os obstáculos e dificuldades que tiveram de ser ultrapassados para a sua realização.

Em primeiro lugar, referir, que todas as entrevistas foram realizadas no espaço físico da escola, em horário pós-laboral, abordando os alunos após a realização das aulas, sendo esta a única possibilidade viável de as poder realizar face a um conjunto de condicionalismos que nos foram colocados pelos visados e que não permitiram dispor de outro horário mais favorável. Consequência desta situação, de relevar o facto da recolha de dados ficar confinada a um curto espaço de tempo, não possibilitando a tranquilidade necessária para explorar de uma forma mais profunda o guião elaborado.

O resultado como é óbvio, não foi o inicialmente esperado, pois as respostas obtidas foram muito telegráficas, furtando-se os entrevistados, a considerações mais prolongadas justificando-se com o cansaço e com a pressa em seguirem para casa.

São justificações compreensíveis, no entanto deverá ser realçado, que apesar de alguma frustração por não se ter conseguido um maior aprofundamento das questões colocadas, em nenhuma altura, nos sentimos mal recebidos, ou seja, a receptividade foi no geral boa, acharam bastante agradável o facto de serem objecto de um estudo de carácter sociológico e o tratamento dispensado foi sempre simpático e afável.

Assim, deveremos destacar como experiência positiva o descrito no paragrafo anterior e o facto de se ter conseguido a totalidade das entrevistas propostas, igualmente julgamos, que o conteúdo dos dados obtidos, acabam por ser suficientemente objectivos e direccionados aos temas propostos, pelo que a expectativa em relação à sua análise é muito positiva, o que permitirá responder às questões colocadas no inicio desta investigação.

Outro aspecto que gostaríamos de referir relativamente à análise das entrevistas é a inflexão, no propósito referido no capitulo da metodologia de analise de dados, em que se propunha o seu complemento recorrendo ao programa informático Tropes, no entanto, decidiu-se prescindir da utilização desse programa, pelos testes efectuados logo após a

realização das primeiras cinco entrevistas, revelarem que a análise léxico/semântica não acrescentaria nada de particularmente relevante aos objectivos que se querem atingir neste trabalho. De acrescentar, no seguimento desta constatação, que optou-se, no sentido de melhorar e clarificar de uma forma mais positiva a caracterização do painel, por fazer-se a análise de dados recolhidos através do SPSS, mantendo para o conteúdo das entrevistas a metodologia entretanto descrita no respectivo capítulo.

2 - A análise das entrevistas.

2.1 - Caracterização do painel:

Em relação à caracterização do painel foram revelados os seguintes dados: seguindo a ordem do guião da entrevista, observamos que as idades se situam entre os 22 e os 56 anos, sendo que a média de idades dos vinte entrevistados é de 34 anos, destaca-se como maior grupo com a mesma idade a população jovem adulta constituída pelos indivíduos com 24 anos (ver tabelas nº 1 e 2 nos anexos, pp.50).

Quanto ao género identificou-se uma maioria do sexo feminino (ver tabela nº 2 nos anexos, pp.52), que se traduz em treze mulheres em contraponto com sete indivíduos do sexo masculino.

As habilitações escolares dos indivíduos entrevistados revelaram ser o ensino secundário a habilitação maioritária, mais precisamente nove elementos, no entanto não deixa de ser curioso a presença de um entrevistado com o ensino primário e uma igualdade em número de indivíduos com o ensino básico e ensino superior, mais concretamente cinco elementos cada (ver tabela nº2 nos anexos, pp.53).

Já quanto à profissão, identificou-se quinze diferentes actividades entre os vinte elementos entrevistados, com o maior grupo (quatro elementos) a pertencer ao quadro dos administrativos/escriturários (ver tabela nº2 nos anexos, pp.54), directamente relacionado com este ponto está a situação na profissão, que revelou estarem os indivíduos trabalhadores por conta de outrem em larga maioria, mais precisamente dezassete elementos, em contraponto com apenas dois empresários em nome individual e um estudante (ver tabela nº2 nos anexos pp.56), no entanto é importante referir, que os trabalhadores por conta de outrem se dividem entre aqueles que pertencem ao quadro

efectivo das empresas onde trabalham, dez elementos e aqueles que prestam o seu serviço através de contrato a prazo, sete elementos.

Quanto ao sector de actividade a que pertencem os entrevistados, destaco uma maioria de trabalhadores dos serviços (dez elementos), logo seguidos por trabalhadores da indústria (cinco elementos). (ver tabela nº2 nos anexos, pp.58)

Por último, em relação a anteriores experiências de formação profissional, onze elementos do painel responderam que sim, já tiveram outras experiências de formação anteriores a esta, contra sete elementos do painel, para quem esta experiência é a primeira.

Em suma, penso que as características reveladas nesta pequena amostra, se enquadram no geral, na caracterização da procura de formação profissional no nosso país, destacando nesse particular, a média de idades de 34 anos como sendo relativamente baixa, querendo talvez dizer, que são os jovens que procuram associar-se à mudança impulsionada pelas novas tecnologias de forma a sentirem-se actualizados e preparados para enfrentarem desafios mais complexos que lhes possam surgir. Estamos, portanto, perante indivíduos em idade activa, com habilitações médias ao nível do ensino secundário, estando as mulheres em maioria (o que não deixa de ser surpreendente, pois neste contexto costuma acontecer o contrário), sendo na sua maioria trabalhadores por conta de outrem na área dos serviços, o que não surpreende, pois somos cada vez mais um país cuja economia se baseia nesta área de actividade e tendo a maior parte deles já frequentado outras acções de formação profissional, sobretudo no âmbito da formação ministrada no seio das empresas onde trabalham, embora esta não seja recebida com muito entusiasmo, daí a procura de outros caminhos onde possam obter formação e qualificação de maior qualidade e maior adaptação aos seus objectivos profissionais.

2.2 - Análise dos dados recolhidos:

Procederemos de seguida, à análise com maior profundidade do conteúdo das entrevistas, de forma a interpretar os dados empíricos recolhidos e enquadrá-los teoricamente de acordo com o objectivo deste estudo.

Para isso, seguiremos a divisão em blocos de questões efectuada no guião de entrevista, com cada bloco a corresponder a uma dimensão de análise, sendo estas as seguintes:

1. *“Razões e motivações para a actual formação”*
2. *“Aspirações e expectativas”*
3. *“Avaliação dos responsáveis da formação”*
4. *“Outras experiências de formação”*
5. *“Experiências escolares/profissionais”*

Seguindo então esta ordem, as entrevistas revelaram em primeiro lugar, que a grande maioria, recorreu à actual formação em novas tecnologias, por iniciativa própria, o que pressupõe, por um lado, o entendimento por parte deste conjunto de actores sociais, da necessidade de procurarem conhecimento principalmente de carácter profissional que lhes permita alcançar outro tipo de qualificações que os tornem mais competitivos no mercado de trabalho. Por outro lado, pode também significar, que as suas entidades patronais, continuam a não perceber que as dinâmicas de mudança da sociedade são uma realidade efectiva e se querem competir numa sociedade da informação e do conhecimento característica cada vez mais comum de um mundo globalizado, devem apetrechar os seus funcionários das ferramentas mais adequadas para que consigam sobreviver e desenvolverem-se de uma forma sustentada, e isso só o conseguem, se forem eles próprios a incentivarem os seus trabalhadores através da formação profissional de qualidade que lhes permita adquirir competências técnicas no âmbito das novas tecnologias.

Intimamente ligada com a questão da procura de formação por iniciativa própria está a questão das razões que presidem à procura de formação nesta área das novas tecnologias, e desde logo o desenho das respostas nos remete para: as dificuldades enquanto utilizadores de ferramentas informáticas, necessidade decorrente de aprender (nuns casos) desenvolverem e melhorar (noutros casos) os conhecimentos de forma a equilibrar as práticas e representações que fazem em relação ao uso do computador.

Outro dos aspectos a destacar neste contexto, é o sentimento transversal a todos os entrevistados, da actualidade desta formação, como forma de enriquecer os seus currículos profissionais, como forma de desenvolverem as suas competências técnicas e também ao nível das probabilidades, aumentarem as suas em relação à possibilidade de progredirem nas suas carreiras no sentido de lhes permitir mobilidade ascendente no seio das empresas onde trabalham. Um outro aspecto relevante remete para o facto desta

formação poder facilitar a inserção no mercado de trabalho segundo a percepção dos entrevistados.

Já no plano das motivações subjacentes à decisão de frequentar este tipo de formação, elas estão de certa forma coladas – se me é permitida a expressão – às razões que os levaram a fazer a escolha por este curso, assim, a valorização profissional, a valorização pessoal, a possibilidade de alcançar funções com maior responsabilidade, maior mobilidade no mercado de trabalho e maior satisfação e motivação no exercício das funções que desempenham fazem parte da maioria das respostas obtidas. No entanto não deixa de ser igualmente relevante, a questão da manutenção do posto de trabalho, como preocupação demonstrada pelo elemento mais velho a ser entrevistado, o que é revelador da necessidade de formação ao longo da vida de forma a manter-se os níveis de competitividade no mercado de trabalho.

Já no domínio da segunda dimensão, a que remete para as aspirações e expectativas decorrentes da formação em novas tecnologias, será importante identificar as respostas mais comuns, que se inscrevem, numa lógica de crescimento e evolução, assim, num contexto de ambição sócio/profissional, a melhoria do nível de vida e a valorização pessoal e curricular, consolidados através de melhoria de salário, progressão na carreira, estabilidade, aproveitamento de novas oportunidades, segurança e estabilidade de emprego, melhoria das condições de trabalho e crescer a nível empresarial (por parte dos dois empresários em nome individual), são os indicadores mais importantes.

No domínio das expectativas pós/formação, as respostas revelam uma coerência ao nível da ascensão profissional, ou seja, denotam uma aspiração natural de, após obter um determinado nível de qualificações a mobilidade ascendente possa ser uma realidade no futuro. Mas outros aspectos, são igualmente importantes, tais como, o aumento da probabilidade de aspirar a novas oportunidades de emprego, de melhorar o salário auferido, de desenvolver autonomia profissional, de melhorar o nível de vida e de cumprir objectivos pessoais.

Em relação à questão do percurso social decorrente da formação e qualificação nesta área, a quase totalidade dos entrevistados respondeu que sim, que colocam no plano das suas expectativas a possibilidade de encetarem um percurso social sustentado numa maior confiança nas capacidades e competências entretanto conseguidas, numa maior segurança

na interacção social a todos os níveis, no reconhecimento social do esforço realizado para se qualificar, na melhoria do nível económico/financeiro, que resultará numa melhoria geral do nível de vida, tanto no plano profissional, como no pessoal e familiar.

Na dimensão da avaliação que os entrevistados fazem dos responsáveis pela formação profissional no nosso país, destacaríamos o facto, de a grande maioria, ignorar quase por completo o papel do Instituto de Emprego e Formação Profissional. Esta posição face a esta instituição resulta ao que se apurou, de não terem ao longo das suas vidas profissionais qualquer tipo de relacionamento com o IEFP, e ao mesmo tempo assumirem uma percepção de que ele só serve ou eventualmente servirá em situações de desemprego.

No domínio da formação ministrada por instituições privadas e neste particular, pela escola de formação profissional *Prosaber*, as opiniões gerais são muito favoráveis, o que faz com que desvalorizem a questão financeira (ao nível dos custos que poderão ser relativamente elevados para a maioria dos utentes desta formação), e valorizem sobretudo, os conteúdos, tanto teóricos como práticos, e a forma como são tratados e recebidos, relevando a paciência e capacidade dos formadores, em suma, a opinião geral é que reconhecem a efectiva qualidade da formação que é ministrada nas instituições privadas.

No domínio das anteriores experiências de formação profissional, as respostas foram muito evasivas, não só pelo adiantado da hora em que as entrevistas foram realizadas, mas também pelo cansaço já visível nos nossos interlocutores, constituindo sem dúvida o conjunto de respostas menos interessante.

A primeira questão deste bloco foi colocada, mas não fez grande sentido no final, pois a grande maioria está pela primeira vez a frequentar um curso nesta escola.

Quanto às experiências anteriores, uma percentagem ainda considerável (35%) não fez nenhuma acção de formação anterior, e quanto aos restantes (55%) que já frequentara acções de formação, remeteram as suas respostas para o desinteresse pelas formações ministradas no âmbito das empresas onde laboram e, reforçaram a sua opinião favorável em relação às acções de formação que cumpriram em escolas privadas.

Outro aspecto interessante, é a posição que alguns dos elementos colocaram relativamente à possibilidade de no futuro fazerem mais cursos de formação profissional,

depreende-se então que as questões relacionadas com a obtenção de qualificações são muito importantes para este conjunto de indivíduos. São exemplo desta atitude os dois elementos já referidos anteriormente, estarem a frequentarem um curso de formação profissional mas na área das línguas, e fazem-no segundo se apurou, no sentido de complementarem as competências entretanto adquiridas na área de informática, através de um curso profissional que fizeram e igualmente enriquecerem o seu já muito interessante percurso académico. Todo este conjunto de valências lhes tem permitido uma trajectória pessoal e profissional muito positiva, que pode sobretudo, servir de exemplo a outros colegas como incentivo na procura de adquirir competências técnicas e profissionais que lhes permita pensar num percurso sócio/profissional mais promissor no futuro.

Por último, as experiências escolares e profissionais, revelaram que a maioria do painel, indica ter estabilidade do ponto de vista profissional e que os seus percursos escolares foram regulares, também uma maioria revela não pretender voltar à escola retomando um percurso académico, justificando essa opção pela falta de preparação que sentem para encetarem um percurso universitário. As excepções são, como seria de esperar, os indivíduos licenciados, com três deles a pretenderem frequentar mestrados num futuro próximo.

Relativamente à opinião que têm sobre os programas governamentais, novas oportunidades e maiores de 23, para a maioria são programas sem interesse, não reagindo com grande entusiasmo à questão, embora demonstrem conhecer ou já terem ouvido falar sobre eles, no entanto, será importante referir, que os indivíduos com menores habilitações responderam quererem usufruir do programa novas oportunidades para pelo menos concluírem o ensino secundário.

3 – Grelha de análise.

(a) Por iniciativa própria. (b) Por iniciativa da entidade patronal.

Dimensões Entrevistas	1ºBloco			2ºBloco			3ºBloco		4ºBloco		5ºBloco		
	1	2	3	1	2	3	1	2	1	2	1	2	3
1	P.I.P. (a)	Deficit de conhecimentos na área	Progressão na carreira	Crescer na empresa	Reconhecimento da empresa	Sim	Ignoro	Muito boa	1ª Vez	Sim	Estabilidade profissional 12º ano	Não	Iniciativas interessantes
2	P.I.P.	Deficit de conhecimentos na área	Impedir a estagnação	Melhoria do nível de vida	Reconhecimento profissional	Sim	Sem opinião	Muito boa	1ª Vez	Não	Estabilidade profissional 11º ano	sim	Usufruir das N.O. para concluir 12ºano
3	P.I.P	Actualidade da formação	Conseguir melhor emprego	Conseguir melhor emprego	Conseguir melhor emprego	Sim	Sem opinião	Boa	1ª Vez	Não	Instabilidade profissional 12ºano	Não	Sem interesse
4	P.I.E.P. (b)	Deficit de conhecimentos na área	Melhor desempenho profissional	Evoluir na profissão	Papel mais importante na empresa	Sim	Sem opinião	Muito boa	1ª Vez	Sim	Estabilidade profissional 9ºano	Talvez através das N.O	Usufruir das N.O. para concluir 12ºano
5	P.I.P	Melhoria das capacidades nesta área	Melhoria do negócio	Crescer como empresária	Crescer profissionalment e	Sim	Sem opinião	Boa	1ª Vez	Sim	Estabilidade profissional 12ºano	Não	Sem interesse
6	P.I.P.	N.A.	Valorização curricular	Progredir na carreira	Oportunidades futuras	Sim	Papel importante	Positiva	1ª Vez	Sim	Estabilidade profissional Licenciatura	Sim Mestrado	Sem interesse
7	P.I.P.	N.A.	Valorização curricular	Progredir na carreira	Reconhecimento da empresa	Sim	Sem opinião	Boa	1ª Vez	Não	Início de carreira Licenciatura	Sim Mestrado	Sem interesse
8	P.I.P.	Melhoria das capacidades nesta área	Conseguir melhor emprego	Conseguir melhor emprego	Encontrar novo emprego	Sim	Papel insuficiente	Boa	1ª Vez	Sim	Instabilidade profissional Licenciatura	Sim Mestrado	Sem interesse
9	P.I.P.	Progressão na empresa	Melhor salário	Melhor salário	Evolução profissional	Sim	Papel insuficiente	Muito boa	1ª Vez	Sim	Estabilidade profissional	Não	Interesse nas N.O.

											9ºano		
10	P.I.P.	Profissionais	Valorização curricular	Melhor salário	Melhor salário	Sim	Papel positivo	Boa	1ª Vez	Sim	Instabilidade profissional	Não	Interesse nas N.O.
11	P.I.P.	Melhoria das capacidades nesta área	Reconhecimento o profissional	Evoluir na profissão	Reconhecimento da empresa	Sim	Papel positivo	Boa	1ª Vez	Sim	Estabilidade profissional 12ºano	Talvez	Sem interesse
12	P.I.P.	Renovação do CAP	Valorização curricular	Progredir na carreira	Novas competências	Sim	Papel positivo	Boa	Sim (Inglês)	Sim	Estabilidade profissional 12ºano	Não	Interesse profissional nas N.O.
13	P.I.P.	Melhoria das capacidades nesta área	Valorização pessoal	Concluir curso universitário	Boa profissional	Sim	Opinião negativa	Boa	1ª Vez	Não	Estudante	Não se aplica	Sem interesse
14	P.I.P.	Profissionais	Melhor desempenho profissional	Sócio da empresa	Cumprir objectivos de evolução	Não	Sem opinião	Boa	1ª Vez	Não	Estabilidade profissional Licenciatura	Não	Sem interesse
15	P.I.E.P.	F.P. âmbito da empresa	Melhor desempenho profissional	Corresponder às expectativas da empresa	Evolução profissional	Sim	Opinião negativa	Boa	1ª Vez	Não	Estabilidade profissional 11ºano	Não	Sem interesse
16	P.I.E.P.	Profissionais	Melhoria das capacidades nesta área	Progredir na carreira	Reconhecimento da empresa	Sim	Papel positivo	Muito boa	Sim	Sim	Estabilidade profissional 9ºano	Não	Interesse nas N.O.
17	P.I.E.P.	Melhoria das capacidades nesta área	Manutenção de emprego	Progredir na carreira	Conseguir lugar melhor remunerado	Sim	Ignoro	Boa	Sim (H.S.T)	Sim	Estabilidade profissional 4ªclasse	Não	Sem interesse
18	P.I.E.P.	Actualidade da formação	Valorização pessoal	Progredir na carreira	Evolução profissional	Sim	Ignoro	Boa	1ª Vez	Sim	Estabilidade profissional Licenciatura	Talvez	Sem interesse
19	P.I.P.	Melhoria das capacidades nesta área	Valorização pessoal	Progredir na carreira	Evolução profissional	Sim	Ignoro	Muito boa	1ª Vez	Não	Estabilidade profissional 12ºano	Sim	Sem interesse
20	P.I.P.	Profissionais	Valorização pessoal	Evoluir na profissão	Conseguir melhor lugar	Sim	Sem opinião	Muito boa	1ª Vez	Não	Início de carreira 9ºano	Sim	Sem interesse

4 – Tipologia

Formação em novas TIC / expectativas de mobilidade social

- Expectativas: a) Reconhecimento da empresa
b) Reconhecimento profissional
c) Reconhecimento social
d) Conseguir melhor emprego
e) Evolução profissional
f) Melhor salário

Quadro nº 1: Grau de expectativas.

Nível de expectativas	a)	b)	c)	d)	e)	f)
Elevado			O		O	
Médio	O	O				
Baixo				O		O

Como podemos verificar pela leitura do quadro, identifica-se no painel um grau de expectativas elevado relativamente ao reconhecimento social e à evolução profissional. Já o reconhecimento da empresa e o reconhecimento profissional estão num patamar médio de expectativas. O conseguir melhor emprego e melhor salário fica-se por níveis de expectativas baixos.

Quadro nº2: Expectativas / Habilitações.

Expectativas / Habilitações	a)	b)	c)	d)	e)	f)
Superior			O		O	
Secundário	O	O	O	O	O	
Básico			O		O	O

Este quadro representa o cruzamento das expectativas com o nível de escolaridade, sendo notório o destaque que o reconhecimento social e a evolução profissional apresentam, pois são transversais a todos os níveis de escolaridade. Já os elementos do painel com o ensino secundário repartem as suas expectativas pelos vários níveis. De notar que relativamente à expectativa de melhor salário ele fazer parte apenas dos indivíduos com o ensino básico.

Quadro nº3: Expectativas / Género.

Expectativas Género	a)	b)	c)	d)	e)	f)
Masculino	O	O	O	O	O	
Feminino			O	O	O	O

Neste quadro verifica-se a distribuição das expectativas por género, destacando-se sobretudo que o reconhecimento profissional e o reconhecimento da empresa é uma preocupação masculina, enquanto o melhor salário parece ser uma preocupação feminina. Nos restantes graus a distribuição é muito semelhante.

Quadro nº4: Expectativas/situação na profissão.

Expectativas Situação na profissão	a)	b)	c)	d)	e)	f)
Trabalhador por conta própria			O		O	
Trabalhador por conta de outrem (efectivo)	O	O	O		O	O
Trabalhador por conta de outrem (contrato)	O	O	O	O	O	O

Neste último quadro verifica-se a distribuição das expectativas pela situação na profissão, sendo de destacar, que os empresários em nome individual apenas procuram reconhecimento social e evolução profissional, enquanto os trabalhadores por conta de outrem repartem as suas expectativas pelos diferentes níveis com excepção dos efectivos que não querem conseguir novo emprego.

Quadro nº5: Síntese de expectativas / Tipo de respostas.

Expectativas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	F	
Tipo de respostas																						
a)	O						O				O			O	O	O					6	
b)		O			O								O								3	
c)	O	O	O	O	O	O	O	O	O	O	O	O	O		O	O	O	O	O	O	19	
d)			O			O		O													3	
e)				O								O							O	O	O	5
f)									O	O							O				3	

Como se pode verificar através da leitura do quadro nº5, identificam-se respostas comuns às expectativas. Neste seguimento, de destacar a resposta afirmativa à expectativa de reconhecimento social de uma forma quase unânime, sendo que, na entrevista catorze, a resposta foi negativa, porque o elemento entrevistado é licenciado, tem uma actividade socialmente reconhecida e não vê razão para esse reconhecimento ser resultado de um curso de formação profissional.

Apontando a nossa análise às restantes expectativas e observando a frequência de cada uma, verificamos que o reconhecimento da empresa é importante para um conjunto de seis indivíduos, o que pode indicar, ser prioridade para eles a aposta na empresa onde desempenham funções, daí o seu esforço e a importância que dão ao seu reconhecimento.

Igualmente num plano de destaque a evolução profissional, com respostas comuns a cinco indivíduos, implicitamente são indivíduos que têm um plano de carreira para a sua vida profissional futura.

De notar que os restantes grupos se formam por três indivíduos cada, dividindo-se pelo reconhecimento profissional, pelo conseguir um novo emprego e por um melhor salário.

De assinalar, que efectuamos esta análise tendo em consideração aquelas que julgamos serem as questões mais pertinentes, precisamente as do bloco 2 “*Aspirações e expectativas*”, e da qual obtivemos as respostas mais interessantes, daí que se fizemos um exercício em que excluímos o reconhecimento social por ser transversal à quase totalidade das respostas, obtemos um conjunto de cinco grupos que poderíamos designar por ordem crescente de grandeza, da seguinte forma:

- Grupo 1 – Indivíduos que procuram melhor salário.
- Grupo 2 – Indivíduos que procuram melhor emprego.
- Grupo 3 – Indivíduos que procuram o reconhecimento profissional através das suas competências.
- Grupo 4 – Indivíduos para quem a evolução profissional é potenciadora de uma carreira.
- Grupo 5 – Indivíduos para quem a empresa é prioridade central.

É deveras interessante verificar, que um pequeno painel de entrevistados, pode produzir um conjunto de cinco grupos, que podem ser indicadores importantes na análise de temas desta natureza.

5 - Discussão dos dados.

5.1. – Articulação entre os dados obtidos e as questões formuladas:

Daremos conta neste ponto através de um exercício de articulação entre a informação recolhida e as questões formuladas, dos resultados entretanto obtidos.

Relativamente à questão das expectativas de mobilidade social, depreende-se das respostas serem expectativas muito positivas tanto do ponto de vista profissional como do ponto de vista do reconhecimento social daí decorrente, estes aspectos revelam-se pelas referências à empresa e à profissão que se articulam com as motivações e ambições reveladas pelo painel.

Quanto à procura de formação, a maioria dos entrevistados revelaram frequentarem o curso por iniciativa própria, donde, se verifica que as entidades patronais não exercem grande influência nessa decisão, o que significa ser afirmativa a resposta a esta questão em contraponto com a questão seguinte que procurava saber se os indivíduos usufruíam de formação por iniciativa patronal.

Quanto à questão relativa ao papel do IEFP, ela acaba por não ser relevante para os objectivos do trabalho, pela constatação de que para a maioria dos entrevistados a acção do IEFP é praticamente ignorada. No entanto, não deixa de ser importante relevar a percepção demonstrada de que esta instituição está principalmente ligada às questões do desemprego.

Já as questões que remetem para a atenção despendida relativamente aos novos programas governamentais de acesso à escola e à possibilidade de encararem o regresso aos estudos, as respostas revelaram, não serem estes programas objecto de grande interesse e atenção, apesar de os conhecerem, assim como também não estar nos planos da maioria do painel equacionar o regresso à escola.

De acordo com este exercício, será oportuno retirar algumas ilações, que nos remetem para a sociedade da informação e do conhecimento, como uma sociedade caracterizada por níveis mais elevados de escolaridade básica, com infra estruturas tecnológicas avançadas, e, por isso, dominadoras do sistema de divisão internacional do trabalho.

A promoção da sociedade de informação, passa pela organização da experimentação, pela sua implementação e avaliação, permitindo o desenvolvimento de processos de inovação que reforcem a dimensão social das empresas contribuindo para a qualidade de vida no trabalho. Colocam-se às sociedades modernas, sobretudo a Portugal, um conjunto de desafios centrais com a emergência da sociedade da informação a encontrar decisivos apoios políticos, económicos e sociais.

As exigências sobre os trabalhadores aumentaram, obrigando-os a adquirir novos conhecimentos, capacidades e versatilidade, e passam a ser chamados por alguns autores *trabalhadores esclarecidos, iluminados ou do conhecimento*; deles se espera capacidade de diálogo com sistemas complexos, um elevado grau de autonomia em relação aos técnicos de informática, grande versatilidade e uma efectiva participação na gestão das organizações. As organizações passaram a ser geridas por estruturas mais ligeiras e por

gestores com estilo de liderança próximo do colaborador em vez do tradicional estilo directivo, baseado em comando e controlo. Os processos de aprendizagem ganham nova actualidade, pois ganhar conhecimento é sinónimo de aprender.

Ao longo dos últimos 30 anos, as mutações registadas na sociedade e nos sistemas produtivos, contribuíram para uma alteração nos modos de organização e nas dinâmicas do trabalho e do emprego, que se reflectem nas atitudes dos trabalhadores e dos empregadores no mundo do trabalho. E é no nosso entender, a percepção que os nossos entrevistados têm destas mudanças na sociedade e em particular no mundo do trabalho, que os leva a procurar por sua iniciativa, o conhecimento que lhes permita actualizar-se e com isso tornarem-se mais competitivos e concorrenciais num mercado cada vez mais volátil e difícil, onde as qualificações são um sustentáculo central da sua sobrevivência enquanto trabalhadores num mundo globalizado.

Se a noção com que se fica após a análise dos dados obtidos, é que por parte dos entrevistados existe um esforço no sentido de procurar a adaptabilidade a novas formas de organização e de divisão do trabalho, apetrechando-se com competências na área das novas tecnologias. Pelo lado das entidades patronais, face à escassez de entrevistados que frequentam o curso por iniciativa da empresa ou empresas onde trabalham, somos levados a pensar, que estas questões da formação profissional, ainda são observadas por estas instituições de uma forma distanciada, o que pressupõe, que ainda não entenderam bem o contexto em que se inserem, e que a linha que separa o investimento ou o não investimento na promoção de formação profissional aos seus trabalhadores, é tão ténue que aí se pode situar a viabilidade ou a falência de um projecto empresarial independentemente da sua dimensão.

Em relação ao IEF, estranha-se de certa forma, que sendo uma instituição central na área da formação e qualificação profissional, seja praticamente ignorada pelo conjunto de indivíduos que fazem parte do painel, o que leva a concluir que a sua mensagem ou a promoção das suas acções está aquém do desejável, atendendo à necessidade crescente de uma população trabalhadora com as características da nossa, onde impera ainda, as baixas qualificações sejam elas de carácter escolar ou profissional.

5.2 – Articulação entre os dados obtidos e a questão de partida:

Será pertinente aproveitar este ponto do trabalho – precisamente aquele em que se procura através da análise dos dados responder à questão que serviu como ponto de partida para este estudo – para tecer algumas considerações que contextualizam o mundo do trabalho actual e as mutações que acontecem ao nível de uma sociedade global, com novos desafios a acontecerem a uma velocidade impressionante, criando cada vez mais dificuldades às pessoas para se adaptarem a um mundo em permanente mudança.

A actividade económica, a produção da riqueza, o nível e a qualidade de vida encontram-se ligados às tecnologias de informação e comunicação. Surgem novas oportunidades para atingir *performances* económicas mais elevadas e ao mesmo tempo, para melhorar a qualidade de vida. A competitividade das empresas, dos países e dos blocos económicos depende cada vez mais da qualificação dos seus recursos humanos, ou seja, da sua capacidade de produzir valor acrescentado numa economia em que as actividades estratégicas são de carácter intensivo sustentadas nas tecnologias de informação e no conhecimento. Ao mesmo tempo, a vida quotidiana (o nosso lar, os locais de trabalho e os momentos de lazer) tende a ser ligada cada vez mais às novas tecnologias de informação e comunicação com implicações nas habilidades e conhecimento requeridos. O crescente interesse manifesto nos meios políticos, empresariais e académicos pela formação deve-se, por um lado, ao reconhecimento do facto de o crescimento económico depender cada vez mais do conhecimento (investigação científica e técnica, educação e formação) e, por outro, aos problemas provenientes de uma crescente discrepância entre o sistema de ensino e formação e o mercado de trabalho.

O uso da Internet, plataforma típica desta sociedade da informação, transporta consigo novas exigências e novos desafios a todas as camadas sociais e a todas as organizações. Com ela aparecem novos produtos e novos serviços. Os conceitos de *e-Commerce*, traduzindo novas formas de fazer transacções comerciais, *e-Business*, traduzindo novas formas de conduzir os negócios, o *e-Learning*, traduzindo novas formas de aprendizagem, dão conta disso e configuram um novo sistema de regras económicas que se tem vindo a designar por Nova Economia ou Economia Digital. As empresas que adoptam uma estratégia assente nas pessoas e na inovação organizacional consideram que o sucesso depende, principalmente, da qualidade dos recursos humanos, do trabalho e da

organização inteligentes, da boa distribuição e circulação da informação, da eficácia das equipas de trabalho e da cooperação. Criam-se condições para a melhoria de qualificações e para o desenvolvimento de novas competências pela flexibilização qualitativa (aumento da qualificação, polivalência, adaptabilidade). A flexibilidade é encarada numa óptica organizacional e comportamental que se baseia não tanto na mobilidade das pessoas, mas antes na mobilidade dos comportamentos individuais e colectivos. É este tipo de reorganização do trabalho que permite o equilíbrio entre a flexibilidade e a segurança satisfazendo as expectativas dos trabalhadores. Também podem verificar-se dentro da mesma empresa, soluções de compromisso, quando se aplicam estratégias diferentes a grupos diferentes: flexibilização qualitativa em relação ao núcleo central e flexibilização quantitativa em relação aos grupos periféricos de trabalhadores com baixo nível de qualificação, assistimos, portanto à reestruturação e adaptação da sociedade contemporânea às alterações da actividade económica.

Voltando a incidir a nossa atenção nos dados obtidos, o que decorre da sua análise remete para duas premissas, uma que diz, estarem os trabalhadores que fazem parte do painel perfeitamente atentos a todas as mutações que vão acontecendo na sociedade e por isso procuram as ferramentas necessárias para atingirem patamares de qualificação que potenciem uma maior facilidade de adaptação à mudança social. A outra, segundo o testemunho da maioria dos vinte elementos entrevistados, esta directamente ligada às entidades patronais, sobretudo às PME que constituem cerca de 97% do nosso tecido empresarial, que parecem ainda não entender os benefícios que podem obter através da qualificação dos seus recursos humanos e de uma adaptação correcta às novas tecnologias, no sentido de obter delas uma melhor rentabilidade, seja ela do ponto de vista produtivo ou do ponto de vista financeiro.

Direccionemos então a atenção para a questão de partida dando nota, que a formulação desta questão, teve em atenção as expectativas dos indivíduos face à frequência de um curso de formação profissional na área das novas tecnologias, ou seja, aquilo que se procura compreender, neste contexto social, é o que espera cada um dos indivíduos alcançar através das competências entretanto adquiridas.

Segundo a análise dos dados recolhidos, apurou-se que existe um conjunto vasto de motivações que os diferentes indivíduos revelaram, embora, algumas dessas motivações

sejam comuns nas várias respostas. Destaca-se em particular, até por estar de acordo com as últimas linhas, a valorização pessoal e profissional, decorrente de uma razão transversal ao pequeno painel entrevistado, que remete para a actualidade desta formação, tendo em conta o papel central que a informática desempenha na sociedade da informação e do conhecimento. É óbvio, que a valorização é um conceito muito vasto, no entanto, outros aspectos contribuem para torná-lo mais claro, sobretudo, indicadores como: a possibilidade de melhorar o desempenho profissional, alcançar maiores habilitações profissionais, possibilidade de adquirir maior mobilidade no mercado de trabalho, poder aceder a cargos de maior responsabilidade e consequentemente, poder usufruir de melhor salário.

Portanto depende-se da ponderação destes indicadores, que os actores sociais protagonistas deste estudo, motivam-se através da actualização dos seus conhecimentos procurando competências técnicas que melhorem os seus desempenhos pessoais e profissionais, permitindo com isso, obter o respeito dos seus pares ao nível dos espaços sociais em que se movimentam, pelo seu esforço e dedicação em prol da conquista de outros patamares de conhecimento.

Ainda em relação à questão principal, todas as respostas e todas as sensações obtidas através das diferentes reacções às questões colocadas, levam-nos a dizer que as novas tecnologias são determinantes na trajectória pessoal de um indivíduo.

Esta ideia é consubstanciada, em primeira lugar, pela afirmação da procura por iniciativa própria de formação nesta área, assumindo cada um dos indivíduos o propósito de alcançar uma actualização nestes domínios que lhes permita não serem marginalizados, numa sociedade que podemos designar, como digital.

Em segundo lugar, também importante, é a assumpção pela maioria dos indivíduos, das dificuldades de utilização do computador, o que pressupõe uma consciência activa sobre as suas próprias limitações, e feito esse diagnóstico ou esse reconhecimento, tomar as medidas profiláticas no sentido de debela-las, o que se verificou, ao tomarem a iniciativa de frequentarem o curso.

Em terceiro lugar e não menos relevante, a expectativa de que a frequência do curso, lhes permita alcançar o conhecimento necessário para melhorar o seu desempenho

profissional e com isso aumentar as probabilidades de obterem o reconhecimento das suas entidades patronais, dos seus familiares e dos seus amigos.

Ora, o que verificamos ao encadear todos estes indicadores, é que o seu ordenamento configura uma expectativa de trajectória pessoal e profissional, que tem como objectivo uma melhor integração na sociedade fruto de uma melhor adaptabilidade que o conhecimento lhes pode proporcionar, daí se perceber, que seja de uma forma positiva ou negativa – pois apesar de se sentir que as aspirações de cada um são globalmente positivas, não significa que todas os objectivos a que se propõem sejam atingidos – o recurso a competências em novas tecnologias da informação e da comunicação é determinante no percurso social de um individuo.

CAPÍTULO IV

1. Reflexões finais:

Após a ponderação necessária em torno da articulação entre as questões formuladas, e a informação recolhida através das entrevistas realizadas a um conjunto de vinte indivíduos, frequentadores de um curso de formação profissional em informática na escola Prosaber, desenvolveremos neste ponto aquilo que se entende ter resultado deste exercício.

É um facto incontornável, que as novas tecnologias da comunicação e informação, sustentadas num pequeno aparelho (o computador) e numa plataforma (a Internet) são o paradigma central do desenvolvimento da sociedade actual. Este facto implica a necessidade imperativa de os indivíduos procurarem adaptarem-se a estas ferramentas no sentido de acompanharem, as constantes mutações sociais que acontecem a uma velocidade vertiginosa, sob pena (se não conseguirem faze-lo) de engrossarem um já largo conjunto de indivíduos que podemos designar como info-excluídos.

São estes indivíduos que podem constituir os novos marginalizados das sociedades actuais, e essa marginalização acontece tanto a nível pessoal como a nível profissional, com consequências que se podem revelar muito graves. A História já nos ensinou, que cada vez que uma revolução (seja de que cariz for) acontece se configura um processo de mudança social cuja dinâmica se torna imparável, e exige por parte dos actores sociais um esforço redobrado no seu acompanhamento.

É exactamente a partir desta constatação, que se percebe, que a dinâmica que os indivíduos que constituíram o painel possuem é particularmente interessante.

Segundo se compreende, todos eles, sem excepção, independentemente da idade, das habilitações, da profissão ou do sector de actividade entende muito bem a centralidade das novas tecnologias, e daí compreenderem a necessidade que têm de conseguir competências a esse nível, no sentido, por um lado, de colmatarem as dificuldades naturais que sentem enquanto utilizadores, e por outro, de acompanharem a actualidade e sentirem-se perfeitamente integrados numa sociedade completamente diferente daquela a que provavelmente estariam habituados. Daí poder resultar uma mudança de comportamentos a nível social e profissional, que se podem reflectir, na conquista de um novo emprego, no desenvolvimento positivo do desempenho da actual função, da

progressão na carreira, do posicionamento na sociedade de acordo com o status adquirido, em suma, na conquista de uma identidade social com maior relevo.

“O emprego ou profissão são determinantes no que toca à definição da identidade social do indivíduo, tornando-se imperativa a ancoragem dos percursos profissionais nas suas pertenças biográficas, trajectórias em diferentes organizações, e grupos sociais.” (Amândio, 2006, pp.108)

É efectivamente digno de registo, o esforço que estas pessoas desenvolvem, na procura da sua valorização pessoal e profissional, as expectativas que revelam, são todas elas muito positivas e sentem que as valências que procuram na aprendizagem que fazem actualmente, podem constituir uma mais-valia e uma mudança nas suas trajectórias individuais. São estas motivações que geram a força suficiente para se sentirem mais dignos, mais seguros e mais bem preparados do ponto de vista das competências profissionais e do seu posicionamento social.

Não deixa de ser curioso, a constatação que a informação apurada no nosso objecto empírico, contraria em parte as percepções de senso-comum, que julga, serem estas questões relacionadas com as tecnologias dispensáveis para a maioria das pessoas, ora, acontece neste caso precisamente o contrário, as pessoas revelam-se atentas ao contexto social que as envolve, percebem as necessidades que têm ao nível das suas dificuldades face a algo que é novo, e tomam atitudes pró-activas que potenciam um conjunto de expectativas muito favoráveis, no seu entender, que lhes possa propiciar uma melhoria do seu nível de vida individual e familiar.

Ao mesmo tempo, este pequeno contexto social, não permite fazer inferências para o universo, não podemos de forma alguma caracterizar a restante população activa a partir dos dados obtidos neste estudo, no entanto, não deixa de ser um indicador forte, que existe muito gente que analisa os contextos onde se inserem, sabem quem são, o que são e para onde querem ir, e isso é particularmente motivante para quem estuda estas problemáticas.

Já na perspectiva das entidades patronais, não deixamos de sentir alguma preocupação, face aos dados apurados indirectamente, podemos perceber que de acordo com o modelo económico que caracteriza as empresas portuguesas, sustentado nos baixos salários e na ausência de dignificação do trabalho, com um tecido empresarial constituído

maioritariamente por médias, pequenas e micro-empresas, algumas delas apenas com dois trabalhadores, com gestores e patrões com baixas qualificações escolares e profissionais, baseando o seu saber na tarimba e na experiência acumulada num determinado sector de actividade.

É por muito difícil face a este tipo de caracterização encontrar indivíduos que entendam ser crucial para o desenvolvimento das suas empresas o investimento na qualificação dos seus recursos humanos, sobretudo na área das novas tecnologias, cuja centralidade é absolutamente incontornável num mundo em que as fronteiras comerciais foram abolidas. No entanto, apesar da maioria dos entrevistados revelar que não frequentam o curso de informática por iniciativa da sua entidade patronal, não podemos deixar de assinalar, que uma das nossas entrevistadas, empresária em nome individual, proprietária de uma pequena papelaria e única funcionária da mesma, por iniciativa própria tenha entendido que formação e qualificação são fundamentais para a melhoria do seu desempenho e conseqüentemente do seu negócio, é de enaltecer e de servir de exemplo a muitos empresários com outras condições e capacidades.

Outro tema surpreendente, em termos dos resultados obtidos, foi o das questões relacionadas com a avaliação dos responsáveis pela formação profissional, a surpresa situa-se por um lado, na forma como a maioria se refere ao IEF, quase que o ignorando ou manifestando pouco conhecimento sobre o seu papel e as suas acções em torno desta temática (esperava-se outro resultado), no entanto, talvez devido ao facto de felizmente nenhum dos elementos que constituem o painel, ter passado por uma situação de desemprego e como tal, não ter necessidade de recorrer ao instituto justifique este distanciamento verificado.

Por outro lado, e no nosso entender também surpreendente a forma favorável como analisam o trabalho das escolas de formação profissional privadas, em particular aquela que frequentam actualmente e falamos em surpresa porque face aos valores relativamente elevados que são necessários para frequentar cursos em escolas privadas, pensávamos ser esse aspecto inibidor da procura, mas pelo contrário, verificou-se que as pessoas estão apostadas em investir na sua formação e segundo o seu testemunho, as escolas privadas correspondem, propondo oferta diversificada e de qualidade, que apesar dos tempos

difíceis que o nosso país atravessa, não deixam de ser apelativos para quem procura qualificar-se.

Por ultimo, as anteriores experiências de formação, revelaram que a percentagem de indivíduos que nunca frequentou uma acção de formação situa-se nos 35%, o que para uma pequena amostra é um valor muito elevado, merecedor de reflexões mais aprofundadas na tentativa de procurar as causas que provocam este tipo de situações. Porém a maioria, mais precisamente 55% dos indivíduos entrevistados, já frequentaram acções de formação sejam elas no âmbito das empresas, onde não manifestaram grande entusiasmo, sejam através de formação em escolas privadas e inclusive, dois elementos que já fizeram anteriormente formação profissional no IEF. Analisando o painel a expectativa é de aumento da procura de formação profissional e de continuação visando o aprofundamento das competências adquiridas em informática ou optando por outras áreas complementares, o que se revela bastante positivo e promissor em termos futuros, no entanto não deixa de ser desanimador a maioria não querer retomar os seus estudos, ou seja, voltar à escola.

Gostávamos de convocar para esta reflexão final, o conceito de reflexividade, por se pensar ser a sua aplicabilidade muito ajustada e esta problemática, evidentemente de uma maneira mais positiva daquela que Ulrich Beck, descreveu em relação ao meio ambiente e às consequências nefastas da acção do homem sobre a natureza.

Neste caso a acção que os indivíduos protagonizam configura uma intervenção no sentido de estudar, aprender, qualificar e formar, tendo como retorno não a poluição, não o buraco do ozono, não as alterações climáticas, mas sim a probabilidade mais elevada de aspirar a outros patamares na sua vida pessoal e profissional e de poder igualmente aspirar outro tipo de intervenção na sociedade, ou seja reflecte-se de uma forma muito positiva em cada um, a acção que cada individuo do painel executou ao tomar a iniciativa de procurar e frequentar um curso de formação profissional em novas tecnologias.

Sem dúvida alguma que a realização deste estudo se revelou muito interessante, diríamos mesmo que aguçou o apetite por aprofundar, quem sabe num futuro próximo, este tema, tentando rever todas as pessoas entrevistadas e proceder à avaliação da sua evolução após a formação e conferindo se todas as suas expectativas foram ou não concretizadas numa melhoria real das suas vidas.

Bibliografia:

Almeida, João Ferreira de, Pinto, José Madureira, (1990), “*A Investigação nas Ciências Sociais*”, Lisboa, Editorial Presença.

Almeida, João Ferreira de, Pinto, José Madureira, (1886), “*Da Teoria à Investigação Empírica. Problemas Metodológicos Gerais*”, in Silva, Augusto Santos, Pinto, José Madureira (orgs.), “*Metodologia das Ciências Sociais*”, Porto, Edições Afrontamento.

Almeida, José Carlos Ferreira de, (1969), “*Mobilidade e posições sociais: uma análise teórica e conceitual*”, Lisboa, *Análise Social*, vol. III, nº29, pp. 5-40.

Almeida, Paulo Pereira de, (2005), “*Trabalho, Serviço e Serviços. Contributos para a Sociologia do Trabalho*”, Porto, Edições Afrontamento.

Amândio, Sofia, (2006), “*Trajectórias Profissionais Codificadas: A Imprensa de Gestão «De Si»*”, in *Fórum Sociológico*, nº 15/16 (2ª Série), pp. 103-120.

Beck, Ulrich, Giddens, Anthony, Lash, Scott, (2000), “*Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*”, Oeiras, Celta Editora.

Bell, Daniel, (1973), “*The Coming of Post-Industrial Society: A Venture in Social Forecasting*”, New York, Basic Books.

Bell, Judith, (1997), “*Como Realizar um Projecto de Investigação*”, Lisboa, Gradiva.

Cardoso, Gustavo, Costa, António Firmino da, Conceição, Cristina Palma, Gomes, Maria do Carmo, (2005), “*A Sociedade em Rede em Portugal*”, Lisboa, Campo das Letras.

Carneiro, Roberto, Rodrigues, Nuno, (2007), “*A Sociedade de Informação e a Desigualdade: um retrato português*” em APDSI. *A Sociedade de Informação em Portugal*, Lisboa

Castells, Manuel, (2007), “*A Sociedade em Rede – A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*”, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Costa, António Firmino, (1999), “*Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*”, Oeiras, Celta Editora.

Figueiredo, António Manuel, Capucha, Luís, (coords), Pegado, Elsa, Leal, Isabel, Cunha, Lurdes, Mateus, Sandra, Saleiro, Sandra Palma, Trindade, Sónia, Fontes, Carlos, Baião, Fernando, Rodrigues, Mariana, Amaral, Patrícia, Lopes, Sofia, Cavaco, Vítor, Varejão, José, Matias, Nelson, (2005) “*Estudo de Actualização da Avaliação Intercalar do Programa Operacional do Emprego, Formação e Desenvolvimento Social do Quadro Comunitário de Apoio 2000-2006. Relatório Final. Volume I*”. Lisboa, Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-ISCTE) e Quaternaire Portugal.

Friedman, Thomas, (2005), “*The World is Flat – A Brief History of Globalisation in the 21st Century*”, Londres, Allen Lane.

Ghiglione, R., Landré, A., & Molette, A. (1998), “*L’Analyse automatique des contenus*”, Paris, Dunod.

Ghiglione, Rodolphe, Matalon, Benjamin, (2005), “*O Inquérito – teoria e prática*”, Oeiras, Celta Editora.

Giddens, Anthony, (1995), “*As Consequências da Modernidade*”, Oeiras, Celta Editora.

Giddens, Anthony, (2000), “*Sociologia*”, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Governo da Republica Portuguesa, (2005), “*Programa Nacional de Acção para o Crescimento e o Emprego 2005-2008*”

(http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT/Primeiro_Ministro/Documentos/20051028_PM_Doc_PNACE.htm)

Governo da Republica Portuguesa, (2006), “*Programa Nacional de Acção para a Inclusão 2006-2008*”

(<http://www.portugal.gov.pt/NR/rdonlyres/FE4A1BA9-EE5D-432B-A7B0-OFA072587A1C/0/PNAINacional20062008Site.pdf>)

Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, (2006), “*Proposta de Reforma para a Formação Profissional*”

(http://www.mtss.gov.pt/preview_documentos.asp?r=708&m=PDF)

Pedroso, Paulo, (coord.), Ferreira, António Casimiro, Dornelas, António, Estanque, Elísio, Centeno, Mário, Novo, Álvaro, Henriques, Marina, (2005) “*Acesso ao Emprego e Mercado de Trabalho. Formulação de Políticas Públicas no Horizonte de 2013. Relatório Final*”, Coimbra, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Quivy, Raymond, Campenhoudt, Luc Van, (1998), “*Manual de Investigação em Ciências Sociais*”, Lisboa, Gradiva.

Silva, Augusto Santos, Pinto, José Madureira (orgs.), (1999), “*Metodologia das Ciências Sociais*”, Porto, Edições Afrontamento.

Wolff, M. (2004), “*Aide à l’utilisation de Tropes*”, Paris, Université René Descartes – Paris V, document polycopié (Manual do Tropes, tradução portuguesa: Acetic-Cyberlex).